P. 694

Di 2/65

(50)

Autor Fassoni, Orlando L.

Assunto "Di glauber"-Curta

Fonte Folha de SP

Data 5 / 5 / 77

A Parafernália Di-Glauber

O documentário realizado por Glauber Rocha sobre o velório e sepultamento do pintor Di Cavalcanti, de 17 minutos, intitulado "Ninguém Assistiu ao Formidável Enterro de Sua Ultima Quimera, Somente a Ingratidão, Essa Pantera, Foi Sua Companheira Inseparável", conseguiu lotar anteontem à noite o teatro da Aliança Francesa, nas três exibições realizadas.

Para um documentário, o fato é inusitado. Mas o público que foi lá acabou dividindo o gosto: uns odiaram, outros acharam que só mesmo Glauber, na sua consciente loucura, poderia quebrar, como quebrou, toda a concepção dos documentos fúnebres até então filmados pelos cineastas — brasileiros, amadores ou profissionais, e onde o que menos falta é a "Marcha Fúnebre".

Glauber, ao contrário, preferiu sintetizar, nesta sua sincera homenagem ao amigo Di, um pouco das coisas que o pintor amava, como a nossa música popular, representada por "Lamento", de Pixinguinha, e "O Teu Cabelo Não Nega", de Lamartine Babo, por Paulinho da Viola e por trechos de canções africanas. O filme é tão curto em tempo quanto rico em parafernália. Com negativo emprestado de amigos e uma câmara cedida por Nelson Pereira dos Santos, Glauber Rocha estraçalhou a pompa e a solenidade dos velórios para construir, em imagens, um depoimento vivo, alegórico e visualmente delirante, encampando versos de Vinicius recitados aos gritos enquanto as imagens ora estão no Museu de Arte Moderna do Rio, captando a dor dos amigos e da família, a máscara da morte estampada no rosto de Di, ora saltam com intensidade para os anúncios de gás neon, para os quadros do pintor e para as mulatas, que Glauber, numa inversão que ele chama de "piada modernista", substituiu pelo riso sarcástico do ator Antonio Pitanga, porque "Di era muito sensual e os negros não tem essa caretice sexual que vive por aí".

Gláuber: como sempre polêmico.

O documentário não dá opções aos que o vêem: ou a gente gosta e curte como uma sadia loucura de um cineasta que sempre quebrou a forma e mandou as tradições ao lixo, ou a gente odeia e despreza, achando que Di poderia ser homenageado sem tanto surrealismo e estardalhaço. Mas, e daí? O fato é que o documentário — depois longamente debatido entre os espectadores — é uma dessas obras curtas, rápidas e rasteiras que poucas vezes se vê.

Um delírio visual com movimentos de câmara que zombam da morte e riem da cerimônia, entrecortado por versos, depoimentos, colagens, música e humor, constituindo, em bloco, uma elegia tão natural e sincera que chega a espantar. Di recebe em 17 minutos, de Glauber, talvez a homenagem que nenhum velório, por mais formal que fosse, seria capaz de lhe prestar. Porque, aí, a câmara é o próprio Glauber, que sente na alma a morte do amigo e, como no verso de Vinicius, "pinta tudo que não mente, pinta o riso, pinta a dor".

Orlando L. Fassoni

cinemateca brasileira

GR-DT. 02/006.05